

## DESCARTES E A INVENÇÃO DO SUJEITO

### Coleção **FILOSOFIA EM QUESTÃO**

- *Descartes e a invenção do sujeito*, Joceval Andrade Bitencourt
- *Descartes e a morte de Deus*, Joceval Andrade Bitencourt
- *Formação da pessoa em Edith Stein (A): um percurso de conhecimento do núcleo interior*, Adair Aparecida Sberga
- *Introdução à mitologia*, José Benedito de Almeida Júnior
- *Introdução a Ricoeur*, Domenico Jervolino
- *Mito e lógos em Platão: um estudo a partir de excertos dos diálogos República, Político e Fedro*, Kris Jareski
- *Nietzsche: para uma crítica à ciência*, Mauro Araujo de Sousa
- *Nietzsche: viver intensamente, tornar-se o que se é*, Mauro Araujo de Sousa
- *Pensamento ético contemporâneo*, Jacqueline Russ
- *Pensar com Emmanuel Levinas*, Benedito Eliseu Cintra
- *Pitágoras e os pitagóricos*, Jean-François Mattéi
- *Pobreza e a graça (A): experiência de Deus em meio ao sofrimento em Simone Weil*, Alexandre Andrade Martins
- *Religião em Nietzsche: “eu acreditaria num Deus que soubesse dançar”*, Mauro Araujo de Sousa
- *Sofrimento como redenção de si (O): doença e vida nas filosofias de Nietzsche e Pascal*, Thiago Calçado

JOCEVAL ANDRADE BITENCOURT

DESCARTES  
E A INVENÇÃO DO SUJEITO



Direção editorial: Claudiano Avelino dos Santos  
Capa: Marcelo Campanhã  
Editoração: Gênio Criador  
Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Bitencourt, Joceval Andrade  
Descartes e a invenção do sujeito / Joceval Andrade Bitencourt. – São Paulo: Paulus, 2017. – (Coleção Filosofia em questão)

Bibliografia.  
ISBN 978-85-349-4643-8

1. Descartes, René, 1596-1650 2. Metafísica 3. Subjetividade 4. Sujeito - Filosofia I. Título. II. Série.

17-08901

CDD-126

---

Índices para catálogo sistemático:  
1. Sujeito: Metafísica: Filosofia 126

1ª edição, 2017

© PAULUS – 2017  
Rua Francisco Cruz, 229  
04117-091 São Paulo (Brasil)  
Fax (11) 5579-3627  
Tel. (11) 5087-3700  
www.paulus.com.br  
editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4643-8

## INTRODUÇÃO

Que Descartes é um filósofo do século XVII; que é ele quem inaugura o pensamento moderno; que, na cronologia do pensamento ocidental, ele se tornou o último dos antigos e o primeiro dos modernos; parece existir, entre todos os historiadores da filosofia, unanimidade em aceitar e tomar essas referências como verdadeiras.

Essa unanimidade deixa de ser plena quando se trata de interpretar o pensamento de Descartes como um todo, ou um tema no interior de seu sistema filosófico. Existem divergências, entre seus intérpretes, quanto à possibilidade, ou não, de se justificar, no interior da metafísica cartesiana, o conceito de *subjetividade*. Não privilegiaremos, nesse trabalho, uma reflexão em torno dessas contendas filosóficas entre os diversos comentadores, ao contrário, buscaremos identificar e apresentar o racionalismo cartesiano como o lugar onde se inaugura, para o pensamento ocidental, o conceito de subjetividade e, como consequência, a invenção do sujeito moderno.

Sabemos, desde há muito, que o consenso, ou mesmo a unanimidade, nunca foi, para o seu próprio bem, uma característica da filosofia. Se for possível estabelecer uma “natureza” para o discurso filosófico, ela só pode ser a da diferença, da ruptura, da quebra da unanimidade, subordinado às suas contingencialidades, essa é sua natureza, condição própria para o seu desenvolvimento.

O conceito de subjetividade tornou-se presença comum no discurso do pensamento contemporâneo. Recorre-se a ele para fundamentar, a partir do sujeito, qualquer forma de discurso. Quando não para fundamentar, recorre-se a ele para refutar, o que é mais frequente, ou para criticar a sua natureza subjetiva e as possíveis consequências nos diversos campos do saber. Entretanto, não é muito frequente encontrarmos uma análise da origem desse conceito e do momento em que ele se constitui e se fundamenta no pensamento filosófico ocidental. O nosso objetivo é demonstrar que é na filosofia de Descartes que o conceito de subjetividade se constitui, pela primeira vez, no pensamento filosófico ocidental, enquanto fundamento e procedência da verdade.

Justificar e fundamentar o conceito de subjetividade na filosofia de Descartes é tarefa excessivamente ampla, cuja extensão abarcaria toda a sua filosofia, já que é sobre a subjetividade, fundada a partir da autonomia racional do sujeito, que Descartes erguerá todo o seu projeto filosófico. Por isso mesmo, sabendo do porte de tal tarefa,

optamos por privilegiar uma das suas obras, as *Meditações*. A escolha dessa obra se justifica por ser, segundo os maiores estudiosos do pensamento cartesiano, a obra na qual Descartes fundamenta, de forma definitiva, a metafísica do sujeito. Esclarecemos, no entanto, que esta necessária delimitação não nos impede que recorramos, sempre que necessário, a outras obras de Descartes, ou mesmo às suas correspondências, tendo sempre em mira as *Meditações*, como referência primeira de investigação.

Em torno de Descartes e de sua obra existem comentadores, tais como: F. Alquié, J. Laporte, O. Hamelin, M. Gueroult, E. Gilson., J-M. Beysade e Michelle Beysade, A. Koyré, P. Valery, G. Rodis-Lewis; no Brasil, Livio Teixeira, F. Leopoldo, R. Landim, entre tantos outros, que elaboraram, cada um segundo sua linha de interpretação, obras que se tornaram referência obrigatória para todo aquele que pretende conhecer ou estudar o pensamento de Descartes. Entretanto, aqui, não tomaremos – como forma de privilegiar uma determinada linha de interpretação – nenhum intérprete ou linha de interpretação como fio condutor. Assim, esses intérpretes do pensamento de Descartes se farão presentes na medida em que, na dinâmica da elaboração do próprio texto, a interpretação de um ou outro se fizer necessária, para que possamos ter uma melhor compreensão na exegese do pensamento cartesiano. No último capítulo, será dado destaque à interpretação de Heidegger, autor

a quem recorreremos como referência, para justificar e fundamentar a construção do conceito de subjetividade no interior da metafísica cartesiana. Para tanto, quando necessário, recorreremos ao ensaio: *L'époque des "conceptions du monde"*, incluído no volume *Chemins qui ne mènent nulle part Holzwege*, traduzido para a língua portuguesa como: *Caminhos de Floresta*. A escolha deste texto se justifica porque nele, partindo do conceito de representação, Heidegger identificará Descartes (e o Descartes das *Meditações*), como o filósofo que institui, de forma definitiva, o conceito de subjetividade no pensamento filosófico ocidental.

Este trabalho é composto de três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado: da verdade sem sujeito, ao sujeito da verdade, mostraremos que o sujeito – enquanto sujeito a partir do qual se funda e fundamenta a verdade no processo do filosofar – é uma conquista da filosofia cartesiana. Antes de Descartes, todo o filosofar se inicia tendo uma verdade já dada como pressuposta, a partir da qual se ordena todo o processo do filosofar. Daí a necessidade de fazermos uma breve visita aos principais representantes do pensamento antigo e medieval, para mostrar que, neles, em suas mais diversas perspectivas – e interesses –, a verdade antecede ao sujeito e o filosofar passa a ser o processo pelo qual o homem, em sua racionalidade, identifica, descobre, desvela, traz à razão a verdade, a essência, a causa originária da qual cada coisa é constituída. Essa causa originária pode ser Natureza,



Ideia, Substância ou Deus. A ruptura com essa antiga forma de filosofar se inicia com o ceticismo, mas principalmente com o nascimento da ciência moderna, e realiza-se plenamente na filosofia cartesiana. Em Descartes, pela primeira vez, a verdade passa a ser uma construção originária do sujeito. Como consequência, a verdade sem sujeito é superada pelo sujeito da verdade.

Se no primeiro capítulo o nosso olhar foi de exterioridade, buscando, através de uma perspectiva mais horizontal, panorâmica da história da filosofia, entender o surgimento e a novidade do pensamento filosófico de Descartes; no segundo capítulo, intitulado: A metafísica do sujeito, nosso olhar verticaliza-se, vai em direção ao interior da filosofia cartesiana, mais precisamente para as *Meditações*, lugar em que Descartes demonstra a fundamentação da metafísica do sujeito.

Além da reconstituição propriamente dita do texto, esta reconstrução comportará o acréscimo de comentários ou observações selecionadas a partir de dois critérios: que sejam capazes de esclarecer questões do próprio texto ou que sejam relevantes para o realce do tema que escolhemos priorizar.

Se no segundo capítulo trabalhamos os pressupostos gnoseológicos da metafísica do sujeito, no terceiro capítulo, intitulado: A construção da subjetividade no pensamento cartesiano, concentraremos a nossa reflexão em torno do conceito de subjetividade. Tendo como apoio a interpretação

de Heidegger, buscaremos mostrar que o conceito de subjetividade, enquanto instância fundadora da verdade, é uma construção originária da filosofia cartesiana. Ao falarmos em construção da subjetividade (como primado e procedência da verdade), queremos dizer que ela não é uma descoberta, um pressuposto dado e descoberto pelo sujeito no processo do filosofar; pelo contrário, queremos dizer que ela é uma invenção, uma construção e que é na metafísica cartesiana que este conceito se constrói, pela primeira vez, e afirma-se como paradigma inaugural do pensamento moderno.